

q mais

AUTÊNTICA ALTERNATIVA ATUAL

Jeans:

a roupa que conquistou o seu espaço e ideal para todas ocasiões

Intercâmbio:

brasileiros que se aventuraram pelo mundo



EXISTE AMOR NA INTERNET?

Os millenials e o mundo virtual: a geração que prefere escolher os relacionamentos pela tela do celular

EXPEDIENTE

REITOR

PROF. PAOLO TOMMASINI

GERENTE DAS ÁREAS DE ARTES, COMUNICAÇÃO,
DESIGN E EDUCAÇÃO

PROF. RENATO TAVARES

COORDENADOR DO CURSO DE JORNALISMO

PROF. NIVALDO FERRAZ

COORDENADORES ADJUNTOS DO CURSO DE JORNALISMO

PROF. JOÃO ELIAS NERY

PROFA. MARIA CRISTINA ROSA DE ALMEIDA

PRODUÇÃO DE REVISTA

PRODUZIDO POR:

BRUNO FERNANDO COSTA

FELIPE MACIEL LOPES DA SILVA

LUCAS RODRIGUES DA SILVA

MARINA GOMIEIRO DIAS DA SILVA

THAÍS DA SILVA ALVES OLIVEIRA

VICTÓRIA RIBEIRO SOUZA

CAPA PRODUZIDA POR: LEANDRO
SHVARTSMAN - LEALMENTE MARKETING
DIGITAL

SUMÁRIO

2	EDITORIAL
6	VOLUNTARIADO Por um teto melhor
8	REPORTAGEM Reserva para o futuro
12	REPORTAGEM Jeans: A vestimenta universal
18	MODA Editorial de moda: Ensaio Jeans
26	REPORTAGEM Do Brasil ao mundo
30	REPORTAGEM A profissão que eu escolhi não era bem o que eu queria
36	PING PONG Leandrinha Du Art
38	CAPA O amor em tempos de Internet
44	COLUNA Labirintos Sonoros
45	ARTIGO Filme Her e o entorpecimento da dor
46	CRÍTICA Jurassic World: Reino Ameaçado
50	MÚSICA Arctic Monkeys divide os fãs com novo som
52	REPORTAGEM A busca por um sonho

EDITORIAL

A **Revista Q Mais** busca entender as diferentes faces do pulsar jovem que a cidade de São Paulo carrega em sua essência. A capital paulista nunca para, está sempre se inovando e se transformando a cada minuto. O público jovem move a cidade e traz a representação da pluralidade de estilos e gostos, mas sem deixar de compreender e aceitar que o respeito impera sempre. Rótulos? Talvez sim, amanhã já não sei!

Conciliar a universidade, o trabalho e ainda ter tempo para se divertir e descontraír da rotina agitada é a prova de que sabemos resistir e conseguimos tirar energia para fazer isso novamente no dia seguinte. Buscamos na moda, o nosso estilo; na música, o nosso barulho; no amor, o nosso match e a **Q Mais** nos leva à tudo isso, de forma autêntica, alternativa e atual.

Te convidamos, leitor (a), a se deixar levar pela paixão que colocamos nas nossas páginas. Escolhemos cada tema pensando em você e naquele seu amigo/sua amiga que é to-tal-men-te diferente, mas que também vai se identificar. Porque aqui, nosso intuito é somar! Esperamos que possa sentir a nossa energia.

Abraços,

Equipe Q Mais





POR UM TETO MELHOR

Organizações não governamentais atuam em pró dos que mais necessitam de uma moradia e condições melhores de vida

Victória Ribeiro

Um mês após o desabamento do edifício Wilton Paes de Almeida, no Largo do Paissandu, centro São Paulo, boa parte dos moradores ainda continuam acampados em frente ao lugar que um dia eles chamaram de lar. Apesar do oferecimento de abrigos provisórios por parte do governo, muitos insistem em ficar, como meio de chamar atenção da sociedade para

um problema maior, que demonstra sinais de que está longe de ser resolvido: a falta de moradia.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), aproximadamente 20 milhões de brasileiros precisam de um lugar para morar, ao mesmo tempo em que 7 milhões de imóveis permanecem vazios. Esse déficit de

moradia, combinado com a alta dos preços para conseguir uma casa ou pagar um aluguel, fazem com que muitos, sem condições de bancarem taxas tão altas de habitação, invadam prédios abandonados sem nenhuma garantia de manutenção, pelo simples fato de não terem para onde irem.

Apesar do descaso do Estado,

algumas organizações não-governamentais realizam campanhas de solidariedade, proporcionando um pouco de conforto para essas pessoas que são vítimas do desalento: A Cruz Vermelha e a Teto.

CRUZ VERMELHA

Presente em cerca de 190 países, a Cruz Vermelha é considerada a maior instituição humanitária do mundo, tendo por objetivo principal dar assistência em casos de Desastres, além de auxiliar na capacitação de Primeiros Socorros e promover projetos relacionados à saúde e bem estar.

Entre os cursos disponíveis voltados para área da saúde, estão:

Cursos Técnicos

- Técnico em Enfermagem;
- Complementação em Enfermagem e Radiologia;
- Técnico em Radiologia.

Cursos de Capacitação Profissional

- Instrumentação Cirúrgica, Centro Cirúrgico e Central de Material e Esterilização;

- Unidade de Terapia Semi-Intensiva e Intensiva;
- Enfermagem do Trabalho.

Além de diversos cursos de capacitação - Enfermagem, Primeiros Socorros, Radiologia, Geriatria e Gerontologia, Materno e Infantil, Nutrição, Lazer, entre outros.

Recentemente, teve papel fundamental no auxílio aos moradores que perderam suas ocupações no desabamento do edifício Wilton Paes de Almeida, recebendo e distribuindo doações que chegavam a todo o momento de diversas partes do país.

Para aqueles que possuam o interesse em se juntar aos 88% de voluntários que compõe a equipe no Estado de São Paulo, poderá atuar nas equipes de Gestão de Risco e Desastres, Promoção à Saúde, Triagem para Doações, Primeiros Socorros, Programas Comunitários, Comunicação e Restabelecimento de Laços Voluntários (RFL), buscando mais informações através do site www.cruzvermelhasp.org.br.

TETO

Criada em 1997, na América Latina e Caribe, presente no Brasil há 10 anos, a organização internacional tem como causa o trabalho em

conjunto com moradores que vivem em situações de precariedade, construindo moradias mais dignas, promovendo a educação de crianças através de oficinas de leitura e engajando as comunidades locais, que juntamente com jovens voluntários, promovem projetos de melhorias em seus próprios bairros.

Garantir o direito básico de moradia é algo que, e que traz um pouco de conforto e respeito para as famílias que vivem em condições de extrema precariedade, conforme escancarado pela tragédia do edifício no Largo do Paissandu, e tantas outras ocupações espalhadas pela cidade.

Do mesmo modo que a Cruz Vermelha promove seus trabalhos voluntários através da internet, o TETO se utiliza do mesmo meio, na qual o candidato preenche um formulário com seus dados, no site www.techo.org/paises/brasil, além de saber mais informações sobre o projeto em si.



Talita Lopes com os pais na formatura do curso de Psicologia, onde foi bolsista pelo Prouni (Foto: Felipe Maciel)

Reserva para o futuro

Conheça as histórias de 4 estudantes que tiveram suas vidas mudadas por políticas de ações afirmativas das universidades e o que passaram para terem um futuro melhor.

A Lei de Cotas foi sancionada em 2012 como uma das políticas precursoras de reparação da desigualdade de grupos que historicamente foram marginalizados e esquecidos pelas instituições e poderes públicos. Uma importante mudança para a democratização do acesso ao ensino superior como forma de retração. O projeto foi pensado para que estudantes oriundos de escolas públicas, de baixa renda e auto declarados pre-

tos, pardos e indígenas pudessem ingressar no ensino superior.

Outros programas incentivam a democratização do acesso às universidades, como o Prouni, que fornece bolsas de estudos parciais e integrais para alunos que estudaram em escolas públicas e o FIES, que financia as mensalidades de alunos matriculados em instituições não gratuitas. Projetos que garantiram que milhões de

brasileiros pudessem ter a chance de continuar os seus estudos e, assim, tirar a predominância da elite branca que sempre preenchia quase que a totalidade das vagas no ensino superior.

Ingressar na universidade é apenas um dos desafios que enfrentam os estudantes que enxergam na academia uma porta de entrada para um futuro promissor. Mas eles precisam lidar também com a

Felipe Maciel

dificuldade de se manter durante os anos de estudos. Desde deixar de almoçar para guardar o dinheiro da passagem de ônibus que leva para o campus da universidade até o bullying sofrido por ser bolsista em sua turma. As vidas destes estudantes são marcadas por superações e recomeços.

Deus é mãe

O filho de Adriane Silva, 31 anos, tinha 1 mês de vida quando ela ingressou no curso de Engenharia Elétrica pela Universidade Norte do Paraná, em Londrina, após conseguir bolsa integral pelo Programa Universidade para Todos (Prouni), em 2013. Ela desistiu do curso ainda no primeiro semestre por não ter condições de conciliar a vida acadêmica com a criação do Davi, hoje com 5 anos, o caçula dos 3 filhos da estudante: “Minha irmã ia até a faculdade nos dias de aula presencial e ficava em uma sala separada para eu amamentar meu filho no intervalo. Depois não tive mais como pagar o transporte até o campus, tão pouco pagar para a minha irmã cuidar da criança e então desisti da faculdade”.

A estudante cursou até o 6º ano do Ensino Fundamental e só conseguiu a Certificação do Ensino Médio por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), quando voltou a sonhar em fazer uma faculdade. Com a nota obtida no vestibular, Adriane se inscreveu no Sistema de Seleção Unificada (SiSU) e conseguiu passar na 2ª chamada para o curso de Engenharia Mecânica na Universidade Tecnológica do Paraná, via ação afirmativa na modalidade de renda, quando a soma dos rendimentos brutos da família não ultrapassa um salário mínimo e

meio por integrante. A renda da sua família varia entre R\$ 1500 a R\$ 2000. Ela mora com o marido, que é caminhoneiro, e os três filhos em um conjunto habitacional em Bela Vista do Paraíso, Região Metropolitana de Londrina, cerca de 44 quilômetros de distância do campus onde estuda.

Adriane conta que o seu problema atual persiste na falta de dinheiro para o transporte até a faculdade, onde gasta cerca de R\$ 20 por dia. Por não conseguir custear o transporte e não ter sido contemplada com auxílio financeiro da faculdade por falta de documentação do marido, ela reprovou na maioria das matérias no primeiro

“Meu marido agora me disse que eu deveria trabalhar ao invés de fazer faculdade”

Adriane Silva

semestre do curso integral: “Escolhi ir só às quintas-feiras, não tenho como pagar o ônibus e posso manter o curso se não reprovar em todas as matérias”. A estudante pensa em se mudar para Londrina, mas prefere a cidade pequena onde vive por ter uma certa sensação de segurança para os filhos. Ela estuda para o concurso no Tribunal de Justiça do Paraná e acredita ser a solução para os seus problemas financeiros.

Gravidez de risco

Quando Patrícia Oliveira, 36 anos, recebeu o e-mail de contemplação da bolsa de estudos integral do Prouni para cursar Serviço Social pela Faculdade Salesiana Dom Bosco, em Manaus, quase não acreditou no que leu. Ela cursou até o 5º semestre da graduação e estava até mesmo estagiando na área, mas precisou abandonar a formação após engravidar da Maria Julia, 4 anos, em uma gestação de risco: “Foi uma gravidez com muitos problemas e ainda tinha que pegar ônibus lotado para chegar à faculdade. Não estava mais dando para ir, então tive que desistir. Foi difícil, era um sonho sendo parado”.

Ela retomou os estudos em 2017, mas desta vez decidiu cursar Direito na Faculdade Martha Falcão, onde financiou parte dos estudos pelo Programa de Financiamento Estudantil (FIES). A estudante atualmente está desempregada e é casada com Marcelo Valente, que sustenta os quatro integrantes da família com os trabalhos que realiza como pedreiro. Ela conta que a renda do marido dá para o necessário, como comprar alimentos e algumas vezes roupas, além de pagar a porcentagem não coberta pelo FIES. Patricia enfrenta outro desafio no curso de Direito, o preconceito que sofre pela idade superior à média dos demais alunos de sua sala de aula, o que, não raramente, costuma gerar a exclusão destes alunos no ambiente acadêmico e consecutivamente a desistência dos mesmos da graduação.

A estudante quer atuar na Defensoria Pública do Amazonas e pretende fazer da sua profissão o instrumento para ajudar as pessoas. Não passa pela cabeça de Patricia a ideia de desistir mais uma vez da faculdade, apesar das

adversidades. Segundo ela, os programas sociais criados e ampliados nos últimos governos petistas contribuíram para que estudantes de baixa renda ingressassem no ensino superior, já que não conseguiriam arcar com as altas mensalidades dos cursos. Patricia não esquece da frase que ouvia da sua mãe quando era pequena: “Minha mãe sempre me cobrava os estudos, mas a vida nunca foi fácil para a gente. Hoje eu tenho duas filhas e vou cobrar os estudos delas da mesma maneira que a minha mãe fazia comigo”.

A minha escolha

Determinada, Talita Lopes, 29 anos, sempre se esforçou para conseguir alcançar seus objetivos. Em 2008, ela realizou o vestibular do Instituto Presbiteriano Mackenzie e foi aprovada para o curso de Psicologia, mas, devido ao alto valor da mensalidade, não se matriculou. Ela tentou uma outra forma de ingresso, desta vez por meio do Prouni e foi contemplada com uma bolsa de estudos integral para o curso preterido. A estudante se formou em 2013 como uma das melhores de sua turma e conta que escolheu cursar uma universidade específica: “Eu queria fazer aquela faculdade justamente porque eu escolhi o currículo de matérias. Estudei em escola pública e o Ensino Médio não me capacitou para a faculdade. Eu senti um peso, muitas coisas que os vestibulares pediam eu não sabia. Eu precisei estudar por conta própria”.

A passagem do Ensino Médio público para o ambiente acadêmico foi um desafio para a estudante, mas que não a desmotivou a seguir o seu caminho dentro

da universidade. Muitos alunos conseguiam se manter no curso, que na época era um dos mais caros, com o sustento dos pais que pagavam suas mensalidades, mas que ao longo dos semestres desistiam. Sua turma foi reduzida de 63 alunos para cerca de uma dúzia apenas. Talita lembra de um caso preconceituoso que aconteceu com um estudante de Psicologia da sua faculdade: “Um bolsista do Prouni foi eleito orador da turma dele na formatura e alguns colegas



Patricia Oliveira na época da faculdade (Foto: Acervo Pessoal)

de classe se recusaram a aceitar e disseram que ele não tinha o direito de ser orador por não pagar mensalidade”, conta a estudante.

A psicóloga mora com o noivo em um apartamento alugado no bairro do Ipiranga, em São Paulo. Apesar de não seguir a profissão inicialmente após a formatura, ela trabalhou com projetos artísticos e sociais, auxiliando crianças e jovens a terem acesso à cultura por meio de parcerias com espaços

culturais e museus paulistanos. Hoje ela voltou para a faculdade, desta vez para estudar Pedagogia na Universidade de São Paulo, onde entrou com uma ação afirmativa para estudantes de escolas públicas no SiSU. A USP iniciou a sua adesão ao sistema de vagas do Ministério da Educação em 2015, ainda de forma restrita. A universidade alega que cada faculdade e instituto tem autonomia para designar uma nota mínima de pontos no ENEM para alunos se candi-

O barulho dos animais da roça já dita o ritmo que o dia terá para a família de Liliane Manoela, 20 anos. A jovem estudante de Engenharia Ambiental e Sanitária acorda todos os dias antes mesmo do galo levantar e anunciar o novo amanhecer. Ela sai da pequena casa da família na área rural de Governador Valadares às 5h20 e atravessa o Rio Doce com dois ônibus, pagando R\$ 7,80 na ida, para conseguir chegar na aula das 7h no Instituto Federal de Minas Gerais. Ela ingressou no IFMG por meio das cotas raciais disponibilizadas pelo SiSU e diz que se surpreendeu ao chegar lá: “Me falavam que o difícil era entrar na Federal, na verdade o difícil é se manter nela e se formar depois. Com as minhas condições, eu preciso me esforçar duas vezes mais”.

Segundo levantamento feito pelo Ministério da Educação em 2013, a diferença da nota de corte de cotistas e não cotistas é no máximo de 4%, o que descredita o pensamento preconceituoso de quem diz que alunos ingressantes por meio de cotas não conseguirão acompanhar o rendimento dos demais alunos. Entre 2013 e 2015, a política afirmativa de reserva de vagas por critérios sociorraciais levou 150 mil estudantes negros para dentro das universidades. Liliane é a primeira geração de sua família a estudar no Ensino Superior, o que para ela é uma responsabilidade ainda maior para gerar melhorias na qualidade de vida de seus pais, mas também para incentivar o irmão caçula a seguir o mesmo caminho acadêmico.

Os pais da estudante são autônomos e geram uma renda de no máximo dois salários mínimos por mês para eles e os dois filhos viverem. A mãe é cozinheira e o pai compra e vende sucata no centro da cidade mineira. Ela conta que está em busca de um emprego para sustentar os custos da faculdade, mas que a distância de sua casa até o centro da cidade e os cuidados com o irmão menor ocupam muito do seu tempo. Liliane lembra que já passou fome e frio para poder pagar a passagem do dia: “Tive que pedir dinheiro emprestado para comprar os materiais. Vendi roupas e deixei de comer para poder pagar as passagens de ida e volta”.



Adriane Silva com os filhos (Foto: Acervo Pessoal)

Esforço dobrado

JEANS:

A vestimenta universal

A roupa que permanece na moda há 150 anos venceu os padrões estabelecidos pela indústria e continua a se reinventar, conquistar adeptos e essencial nos guarda-roupas

Lucas Rodrigues



Ele marcou presença no movimento hippie na década de 70, no vestuário dos motoqueiros rebeldes na década de 50 e ainda é utilizado no cotidiano. O Jeans é a peça onipresente da moda. A vestimenta que compõe o look diário de milhares de pessoas, atravessou gerações e continua a se reinventar junto as tendências de cada época definidas pelos especialistas do mercado da



O tecido denim também está presente em blusas e jaquetas (Foto: Lucas Rodrigues)

moda. “O legado do jeans é ser um produto que mostra jovialidade e se adapta a todas as idades e gêneros”. É o que diz Maria Luiza Bei Catoira, jornalista e especialista em moda, mais conhecida como Lu Catoira, sobre uma das peças mais populares entre os cidadãos brasileiros e do mundo. “O jeans é uma vestimenta que transcendeu e transcende a moda”, relata a especialista. “Ele

nasceu como uma roupa de trabalho, entrou no modo de vestir dos jovens rebeldes e chegou à moda como um ‘parceiro de charme’, completa a especialista. O tecido apresentou transformações na sua composição. A peça antes elaborada com lonas de barracas e tecidos para carroças, na cor marrom, na Corrida do Ouro, nos Estados Unidos, em 1853, por Levi Strauss, ganhou os tecidos da cidade “de Nimes”, na França, pelo jovem empreendedor. A especialista explica que o nome do tecido “denim” veio da combinação de palavras – de genes (Gênova, na Itália, cidade dos marinheiros que usavam a vestimenta antes de ser incorporada pelos trabalhadores nos Estados Unidos). A vestimenta é chamada de “Jeans”. A partir do século XIX, o tecido evoluiu e obteve em suas composições, a presença do algodão, elastano, zíper e a cor azul índigo, mais utilizada em calças, jaquetas, sapatos e até bolsas pelas pessoas. Uma das consumidoras desses produtos é Juliana Marques, 20 anos, que trabalha na empresa de comunicação visual, Visual Lab, que diz amar o jeans e que garante que se trata de um item essencial em sua vida. Ela possui mais de 20 peças no guarda-roupa. Usa no trabalho, na faculdade e até mesmo aos finais de semana. Adepta do jeans desde os 7 anos de idade, a



O jeans pode ser encontrado em diversos modelos e com cores distintas, e ideal para diferentes situações do dia a dia das pessoas (Foto: Lucas Rodrigues)

jovem relata que se houve influência dos pais, famosos ou da mídia no seu modo de vestir, foi algo natural e não foi notado. As mulheres, que conheceram a vestimenta em fazendas e a utilizavam na prática de montaria, usavam as mesmas roupas que os homens com o tecido denim. Na década de 30, foi criado um modelo exclusivo por Strauss e nomeado ‘Lady Lewis’, que oferecia uma calça jeans de corte feminino e com a ideia de liberdade. Nos anos seguintes, famosos com Marilyn Monroe e Elvis Prasley ajudariam a popularizar as

roupas. Os filmes do início do século passado, em especial os que tinham a presença de cowboys, foram instrumentos de divulgação e propagação das roupas jeans.

Juliana tem mais de 20 peças jeans

Por outro lado, há pessoas que preferem usar outros tipos de roupas, como o moletom e as “sociais”. Entre os motivos que não levam o assessor técnico Michel Martins, de 36 anos, a gostar do jeans, é a alergia ao tecido, que causa ferimentos

e bolhas na pele. “O jeans não me representa”, ressalta Michel. Com familiares e amigos consumidores do tecido denim e adeptos do jeans, não se sente excluído do grupo social por utilizar roupas com outros materiais. Ele relata que não foi influenciado pela mídia ou outras pessoas a não gostar do jeans e também não estimula outros indivíduos a não gostar da peça. No futuro, também não pretende usar o tecido. “Não haveria motivos que me levassem a gostar ou usar o tecido Denim”, comenta.



Primeiras a serem criadas, as calças são as peças jeans mais utilizadas pelas pessoas (Foto: Lucas Rodrigues)

O mercado

O consultor de moda de uma das lojas da empresa Luigi Bertolli, Luca Arruda, ressalta que todas as faixas etárias, como jovens e adultos, consomem o jeans, em especial as pessoas entre 18 a 35 anos. Luca ainda relata que há preferência por determinados modelos de jeans, como a calça skinny, procurada pelas mulheres mais jovens por causa da elasticidade e modelagem ao corpo

humano. Os homens acima de 40 anos, por sua vez, gostam mais das calças de modelo regular, sem muitos detalhes, em referência ao primeiro modelo criado por Strauss. No local onde trabalha, as calças representam cerca de 90% das peças vendidas com o tecido denim. “Entre os outros modelos vendidos, estão macacões e jaquetas, que são comprados por jovens”, ressalta. Alguns detalhes que podem ser encontrados nos modelos vendidos atualmente

estão os rasgos, novas cores e o desbotamento do azul índigo tradicional.

O tingimento, inclusive, foi realizado por hippies, na década de 70, durante o movimento que propagavam um estilo de vida mais simples. Essa tribo associou o vestuário como um estilo de vida, com a presença de sensações prazerosas, com cores desbotadas e rasgos por toda vestimenta. A água sanitária era utilizada para o efeito do desbotamento das calças.

Segundo a pesquisa da marca Lycra, do grupo Invista, divulgada em 2017, as brasileiras têm a maior média de consumo de jeans no mundo. A estudante de administração Giovanna Calderon, 20 anos, usa o jeans em seus acessórios e roupas por achar um tecido bonito. Foi a vestimenta mais utilizada em combinação à camiseta branca pertencente ao uniforme da escola no ensino fundamental.

Além do uniforme as calças jeans eram as únicas roupas permitidas pela escola. Inclusive, a vestimenta escolar demorava para chegar a instituição e a saída era comprar as peças com tecido denim.

Para a estudante, os valores das peças são superfaturados. “O preço da vestimenta varia bastante. Por ser

o mesmo tecido, as coleções passadas não têm o mesmo valor que as atuais. Também muda dependendo da qualidade”, relata a estudante.

Na década de 50, nos Estados Unidos, boa parte dos jovens utilizavam a combinação “calças jeans com roupas brancas e jaquetas”. Isso foi um símbolo de resistência contra padrões estabelecidos pelo governo. Inclusive escolas, igrejas e outros locais chegaram a proibir o uso da vestimenta nos recintos. A Levi’s instituiu a campanha “Right for school” (“certo para escola”, em tradução livre), que tinha o objetivo de mostrar jovens “bem-apegoados”. “A indústria da moda percebeu um nicho de mercado (o dos jovens) e se lançou, com sucesso. Assim surgiram as indústrias do jeans nas lojas. Havia um espaço para a venda deles. O movimento foi tão importante para o mercado da moda que surgiu um estilo ‘jeanswear’, relata Lu Catoir

Reinvenções e uso por famosos

Em seu livro “Jeans: a roupa que transcende a moda”, a especialista Lu relata que “o jeans continua vivo. Pode ganhar, em algumas castas sociais, um código chique, com nome e sobrenome (de grifes), mas em sua vida normal veste o povo em geral, com a tradicional composição de 15 oz (unidade de medida utilizada para indicar quantidade nos Estados Unidos), na cor índigo”. O jeans, foi

incorporado por estilistas nas três últimas décadas do século XX. Calvin Klein foi o pioneiro a utilizar a peça nas passarelas de grandes eventos, e com o sucesso da roupa, grifes como Rauph Lauren e Oscar de La Renta iniciaram as vendas de vestimentas com o tecido de denim. A grife Versace lançou em 1991 a linha de roupas Couture Jeans nas passarelas europeias. Em 1995, Nadja Auerman e Claudia Schiffer estrelaram outra campanha com jeans da Versace. As vendas emplacaram grandes rendimentos para empresas e as fabricações continuam até os hoje.

O jeans veste o povo em geral, diz Lu

O século mudou e famosos continuam a usar o tecido denim. No Vídeo Music Awards (VMA), premiação de música oferecido pela Music Television (MTV), Britney Spears e Justin Timberlake, então namorados, usavam o jeans que compunha inteiramente os respectivos trajes. A cantora utilizava um vestido longo, com tonalidades diferentes da cor azul e completava o look com uma bolsa também com o tecido. Timberlake, vestia jaquetas e calças e ainda um chapéu, com jeans ausente, que remetia cowboys, na cor preta. Em 2014, Katy Perry e o rapper Riff Raff, que tiveram um affair, lembraram o vestuário utilizado por Brtiney e Justin e foram ao American Music Awards (premição

de música dos Estados Unidos) e também usaram vestido, jaquetas e calças. Até a bolsa e o chapéu foram recordados. A diferença foi um modelo contemporâneo, com rasgos e inserção de aparatos que deram brilho as vestimentas. Em 2017, a peça ganhou um design oposto ao usual. A parceria entre Levi’s e Vetements, rendeu uma série de calças com a presença de zíperes que seguiam da parte superior a inferior da vestimenta. Os zíperes também estavam presentes nos lados da peça, que permitiam o controle da abertura da “boca” da calça.

A peça, que continua a se reinventar com rasgos, desfiados, novas cores e inúmeros modelos, é uma vestimenta que venceu a ditadura da moda e continua a oferecer novos modelos. Sobre o futuro, a especialista Lu Catoira relata que as peças sofrerão modificações. “As calças sofrerão novos cortes, como a calça reta, a baggy, a pantalonada, as bocas-de-sino e as fits, na composição de suas tramas, nas aplicações e nas lavagens.” O jeans ainda é um dos produtos mais poluentes, e a tendência é a criação de tecidos sustentáveis, com fibras naturais e com geração de menos poluentes no processo de tingimento de peças, elemento fundamental para o meio ambiente e o gosto dos consumidores, como Juliana e Giovanna, que pretendem usar a vestimenta por muito tempo.

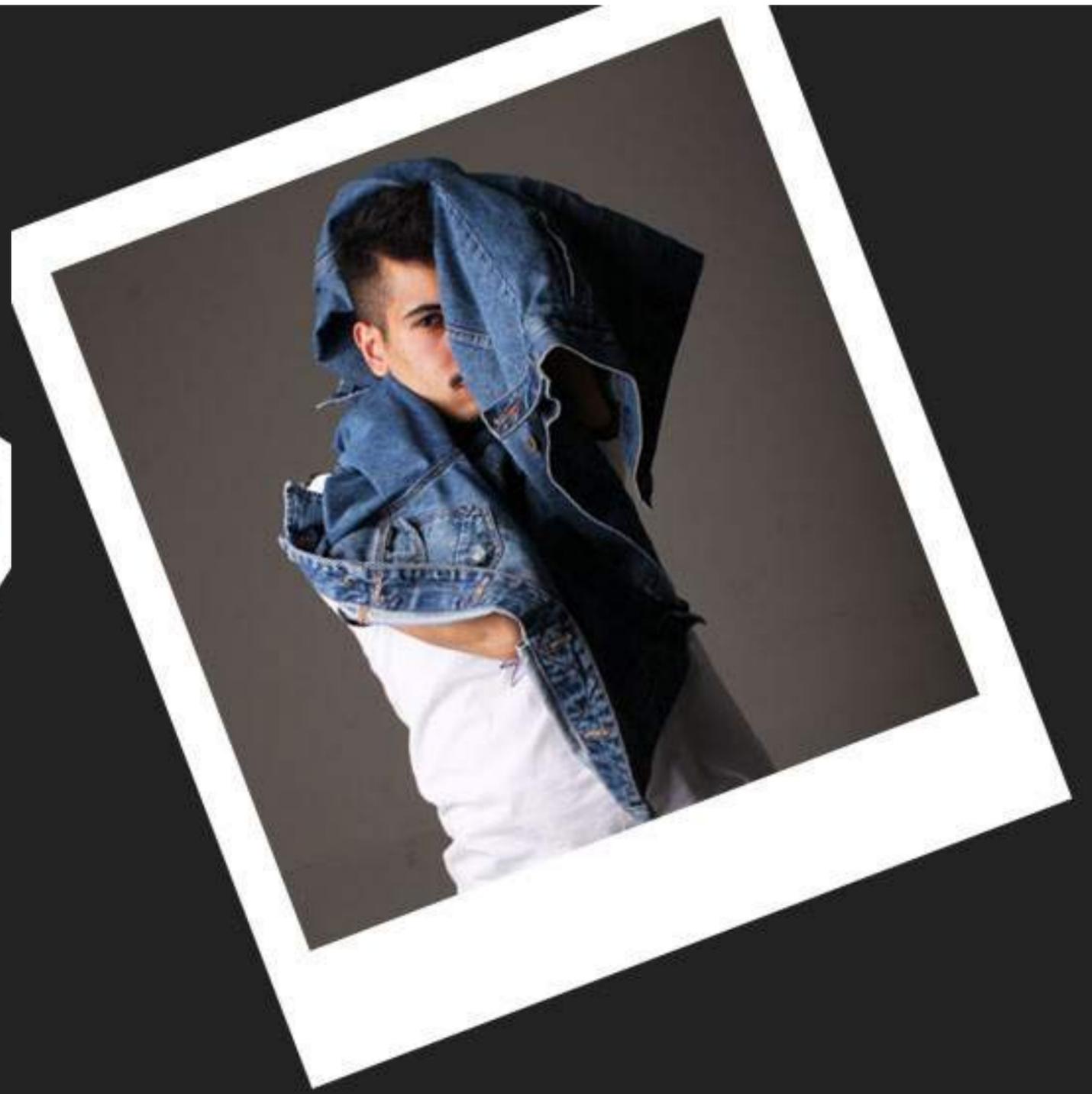
A roupa que não sai da moda

Ideal para todas as ocasiões, o jeans cai perfeitamente bem com diferentes gêneros, tons de pele, e ainda permite a jovialidade.

A versatilidade de modelos possibilita a adequação do corpo à vestimenta, uma vez que pode-se modificar a disposição do tecido ao próprio estilo.









Por Lucas Rodrigues

Colaboração de Carlos Frucci

Participação de Leonardo Fernandes, Sarah Alves e Bruno Fernando

Do Brasil ao mundo

Jovens estudantes brasileiros investem em programas de intercâmbio em busca de novas experiências e contato com diferentes culturas para crescimento pessoal e profissional.

Bruno Fernando



Realizar uma viagem internacional é uma mistura de sonho com oportunidade profissional. Ao mesmo tempo que você aprimora um segundo idioma, você também conhece pontos turísticos e explora uma nova cultura. Essas possibilidades se equilibram na forma do intercâmbio, estilo de estudo que atrai mais de 250 mil brasileiros para o exterior anualmente.

Apesar da maioria dos intercambistas acreditarem que a

vivência internacional e a fluência em uma língua diferente da nativa abrem portas no mercado de trabalho, os estudantes são atraídos por motivos menos corporativos e mais humanos. A analista de intercâmbio Stella Vasco acredita que “o intercâmbio é uma transformação na sua vida. É muito enriquecedor, não só profissionalmente, mas pessoalmente.”

Os destinos mais buscados são Estados Unidos, Canadá, Reino

Unido e Austrália – todos países anglo-saxônicos. Apesar de compartilharem o mesmo idioma, as quatro nações possuem suas diversas particularidades na recepção dos estudantes. Victor Brito, 27, viajou para a Londres, na Inglaterra, e sentiu uma grande diferença entre os britânicos e os brasileiros. **“Os britânicos são muito educados e atenciosos, mas há um distanciamento, também educado, com o qual o brasileiro não está acostumado”**. O Servidor Público Federal observou que as

ruas da cidade são muito limpas, com lixeiras equipadas com placas para descarte correto de “bitucas” de cigarro a cada esquina – por lá, foi criado, em 2015, um projeto de lei que previa multa para quem jogasse as cinzas do fumo nas vias públicas.

Apesar da boa impressão, Victor sofreu um caso de violência durante a sua viagem. Um grupo de homens o atingiram com um capacete de motociclista, sem motivo aparente, enquanto ele esperava o ônibus no centro da cidade. Victor teve lesões nos dentes incisivos e precisou ativar o seguro-saúde para restaurá-los. “Um casal que acompanhou a cena me seguiu com o carro para perguntar se eu estava bem”, afirma. “A situação foi tão surreal e sem explicação que chegou a parar o tráfego, já que ocorreu em um cruzamento.”

A jornalista Nathália Rodrigues, 31, também viajou para a Inglaterra, mas viveu uma vida interiorana por seis meses na cidade de Peterborough. Na época, seu namorado teve uma oportunidade de emprego no país e eles viajaram juntos. Apesar de não viajar como uma intercambista tradicional, ela visitava frequentemente a biblioteca local para estudar a língua e não perdia oportunidades de iniciar

conversas pela cidade.

Nathália emitiu o visto de turista e por isso não foi possível trabalhar, já que o país não permite que pessoas com esse tipo de licença exerçam trabalho remunerado. “Mesmo morando numa pequena cidade do interior, eu não consegui nenhum trabalho. Lá, a lei vale mesmo e não tem essa de conseguir um trabalho em off”, contou. A ausência de corrupções cotidianas chamou a sua atenção, “a cultura deles é linda e ter contato com um país sem tanta corrupção é uma baita experiência.”

Quem também não fez um intercâmbio comum foi Ana Carolina Póvoas, 21, estudante de Cinema. Ela participou de um processo seletivo para trabalhar no Walt Disney World Resort, um dos parques mais famosos de Orlando, na Flórida, EUA. Lá, ela trabalhava em carrinhos vendendo pretzels e sorvetes, mas em seus dias de folga, podia aproveitar os parques e atrações. Ana recebia um salário e precisou aprender a ter responsabilidade financeira, pois tinha que se manter no país por três meses com o dinheiro. **“O intercâmbio serviu muito para eu aprender a ser adulta, ter mais responsabilidade, cuidar do meu próprio dinheiro e principalmente, ser mais independente”**, explica

“Em Londres, eu estava praticamente sozinho, tendo que me virar com transporte público e controlar gastos. Nesse passo, o aprendizado foi enriquecedor”.

Ana, que gostaria de retornar para à América para experiências similares.

Victor também precisou tomar cuidado com os gastos durante a viagem. “Em Londres, eu estava praticamente sozinho, tendo que me virar com transporte público e controlar gastos. Nesse passo, o aprendizado foi enriquecedor”. Diferente de Ana, ele não trabalhou durante a sua estadia de um mês e utilizou os fundos de uma poupança que tinha desde criança para financiar a viagem, que custou cerca de R\$ 10 mil.

Mas há opções de viagem mais baratas. Bruna Guimarães, 26, investiu pouco mais de mil dólares quando viajou em 2016 para o estado de Washington, nos EUA. Seu intercâmbio foi por meio de

um programa chamado au pair, em que ela trabalhava como babá de uma família americana e, além de receber um salário semanal, tinha bolsa para um curso de sua escolha. A escolha da família com quem a, na época, recém-formada jornalista iria passar dez meses foi feita por meio de entrevistas de compatibilidade. “Funciona tipo um Tinder: a família te convida para uma entrevista, você aceita ou não, e depois tem o match”, conta.

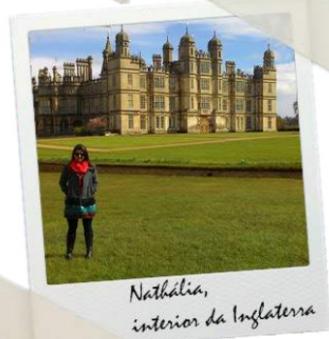
Tuani Oliveira ainda está planejando a sua viagem. Graduada em Relações Públicas, ela adiou os planos de seu casamento para poder realizar o seu sonho de fazer um intercâmbio. Ela irá para o Canadá em setembro de 2019 e deve investir cerca de R\$ 10 mil no curso. **“Eu planejei com bastante antecedência, justamente para conseguir realizar a viagem dentro da minha realidade financeira”**, contou. Ela buscou opções de viagem assim que se formou na universidade e fechou tudo em duas semanas. Tuani se hospedará com uma host family e compartilhará a rotina de uma família canadense.

Cada pessoa precisa analisar bem as opções antes de decidir o modelo de acomodação que escolherá. “Varia muito e depende do perfil da pessoa.

Se você não se sente incomodado em estar na casa de alguém e obedecer às regras de outros, as host families podem se tornar uma experiência muito bacana, pois você estará totalmente imerso na rotina e na cultura daquele país”, contou Stella. “As pessoas, às vezes, se apegam bastante à host family e voltam para o Brasil com uma segunda família”.

Mas viver com “estranhos” pode ser um choque cultural muito forte, por isso alguns estudantes preferem dormitórios dentro de campus e residências estudantis. “São as mais comuns e as mais procuradas por conta da liberdade que proporcionam, ” declarou a analista. “Há pessoas que preferem passar o tempo sem contato com nenhum brasileiro, enquanto outras se sentem confortáveis se houver alguém da mesma nacionalidade no seu alojamento”. No fim das contas, depende do quanto você cada pessoa quer pisar fora da sua zona de conforto.

Tanto Victor quanto Ana já tinham uma boa base na língua inglesa e apenas aperfeiçoaram o idioma durante suas viagens, aprendendo expressões e sotaques. Na época, ele estava prestando o CPE (Certificate of Proficiency in English, qualificação



mais avançada de proficiência em inglês, e quando encontrou seus colegas de intercâmbio, descobriu que eles estavam no nível CAE (certificado avançado no idioma, mas abaixo do CPE).

“Quando uma pessoa estuda fora, ela vem com um diploma ou especialização e ela consegue certo reconhecimento”, conta Stella. Esse foi o caso de Jéssica Varanda, que teve o apoio da empresa em que trabalhava para realizar um intercâmbio de três meses em Nova York. Ela ficou hospedada no campus da escola de idiomas, e tinha um plano de estudo de 26 horas de aula/semana, um média de 3 aulas por dia, durante as tardes. Nos seus horários livres, ela se deslocava por trem e metrô até a metrópole para

visitar pontos turísticos e passear na cidade que nunca dorme.

O perfil de estudantes que buscam o intercâmbio é de jovens com ensino superior e de classe média. No início da década, o programa governamental Ciência sem Fronteiras permitiu que pessoas de baixa renda viajassem e estudassem no exterior. “Pessoas que anteriormente não teriam a oportunidade de estudar fora, conseguiram e fizeram um ano da graduação em outro país. Foi um momento muito positivo para a indústria do intercâmbio e para os estudantes de classes mais baixas”, afirma Stella. Hoje, o programa perdeu o apoio do governo. “Eles realmente vinham buscar com muito afinho e agarravam a chance”,

completa. Seja a negócios, estudo ou lazer, uma vivência internacional pode garantir experiências únicas para aqueles que tem a oportunidade de a realizarem. Independência financeira, aprender a lidar com a solidão e com as diferenças, o contato com culturas distintas e o autoconhecimento são alguns dos ensinamentos que essas viagens podem trazer. “O crescimento profissional é imenso, você aprende a curtir a sua própria companhia”, compartilha Bruna. Já Nathalia, sentiu saudades da “alegria, samba, caipirinha e pastel do Brasil”. Afinal de contas, é possível viver milhares de experiências culturais diferentes por aqui mesmo.

Nível de inglês

Para cursos de idioma, é possível viajar com o inglês básico ou sem nenhum conhecimento na língua; para cursos de pós-graduação, é necessário ter certificado de proficiência.

Destinos

Os destinos mais abertos aos estudantes são Austrália, Nova Zelândia, Canadá e Irlanda. Esses países oferecem benefícios aos conjugues e filhos dos estudantes, que podem viver lá como dependentes. Monetariamente, também vale a pena – o dólar australiano e o dólar canadense são mais baratos que o americano.

Preparação

Estudantes que buscam aperfeiçoar uma segunda língua podem organizar a viagem, pagar e embarcar em até um mês. Para pós-graduação, mestrado e doutorado, é necessário, ao menos, um ano de preparação – a documentação pode levar meses para ficar pronta.



A profissão que escolhi não era bem o que eu queria

Conheça a história de estudantes que em determinados pontos das suas vidas perceberam que o rumo profissional que haviam escolhido não era o desejado

Victória Ribeiro

“Estou fazendo faculdade, porém não me identifico com ela. O que fazer nessa situação? Desistir e começar outro, ou ir até o fim já que comecei?”

Se você se identificou com esta frase acima ou conhece alguém que já passou ou está passando por esse dilema, acredite, ela ou você não estão sozinhos, e isso acontece com mais frequência do que você imagina....A seguir, irá conhecer histórias de algumas pessoas que passaram por esse tipo de situação. Quem sabe assim poderá ajudar você indeciso, a encontrar seu caminho.

Kimberly Castilho, 20 anos, atualmente faz Medicina Veterinária na FMU, e acredita que a experiência em errar na escolha no curso anterior, a ajudou a definir o rumo que segue hoje. No ensino médio, pensava em fazer jornalismo por achar ser uma pessoa comunicativa e as pessoas à sua volta concordarem com este tipo de pensamento.

Gostava de falar de tudo, inclusive assuntos que abordavam questões sociais. Porém, no segundo semestre da graduação na Universidade Anhembi Morumbi, percebeu que não era o que realmente o queria como profissão.

“Me senti deslocada, não somente nas atividades e trabalhos em grupos, mas também em alguns comentários vindo de alunos e professores sobre a vida de um jornalista, os requisitos e necessidades que a pessoa tinha que ter para ser um bom profissional, e tudo isso eram coisas que eu não tinha, ou não sabia fazer, e realmente eu não estava interessada em aprender, pois percebi que não gostava do curso e ele não estava me fazendo feliz.”

Ao decidir que aquilo não era para ela, resolveu contar para sua família e amigos, porém a notícia não foi bem-vinda. “Com exceção de alguns amigos que estudavam comigo, muitos me disseram que eu iria jogar tudo no lixo, que se eu não gostava do curso por que eu quis fazer, e que era para mim terminar jornalismo e depois começar outro.”

Então, com o apoio de sua mãe, desistiu do jornalismo e rumou para a Veterinária, que segundo ela “Mexer com vidas de animais que não podem falar, e estudar para salvar essas vidas é o que mais me impressiona na graduação (...) a estrutura que a instituição oferece, com muitas aulas práticas, professores excelentes, e o campus que é voltado somente para Medicina Veterinária.”

E esse amor pelos animais pode ser percebido, ao ver ela com seus três gatos, Timótheo, Bartholomeu e Nidinho, seus livros pesados de anatomia e sua rotina puxada de estudos em período integral, tentando entender noções de biologia. Kimberly é um só mais um caso em como a família pode ter uma grande influência na decisão do que quer ser na vida. No caso dela, ao receber apoio de sua mãe, agora toda orgulhosa de sua filha veterinária, conseguiu mudar o seu destino, e ir em rumo daquilo que verdadeira-mente ama. Todavia, algumas famílias tendem a não pensar da mesma forma, e acabam por opinar em algo que seja mais “seguro e rentável”.

Cláudio Fernando, 23 anos, formado em Gestão Empresarial na Fatec Cotia, ao terminar o curso técnico no Senai, de Mecânica Industrial, optou por seguir na mesma linha, e fazer Manutenção Industrial, na Fatec Osasco, aonde havia passado no vestibular. Apesar da experiência que o técnico havia lhe dado, ele percebeu que não estava muito a fim de aprender sobre elétrica, resistência dos materiais e mecânica dos fluidos. Seu futuro não estava ali. Sua mãe foi totalmente contrária à sua incerteza, pois em sua opinião,



o estudante Cláudio na livreria Saraiva Foto: Victória Ribeiro

deixar algo certo e de alta remuneração, não tinha cabimento nenhum. E assim persistiu sua insistência em fazer seu filho não desistir da faculdade, mesmo quando já havia garantido a vaga na área empresarial.

“Apesar da pressão da minha mãe em continuar na primeira faculdade, consegui trocar o curso, e ainda bem que os dois eram gratuitos, só tive que passar no vestibular(...) e já tinha começado a trabalhar na área logística.”

Após a graduação, Claudio foi fazer um intercâmbio social – foi voluntário – pela Colômbia ano passado, o que acabou sendo primordial, além da faculdade, para arranjar um emprego no começo deste ano. Para ele cada um tem seu tempo, e que poucos adolescentes recém-formados do Ensino Médio conseguem tomar uma decisão tão séria sobre a vida, com maturidade suficiente, e que isso é

absolutamente normal, pois serão as experiências que farão um jovem dizer o que quer e o que não quer para vida.

“Às vezes, todo aquele planejamento da adolescência e ensino médio pode ir por água abaixo, quando há contato com o mercado de trabalho e a vida universitária (...) e mesmo que ela acabe desistindo do curso, que a culpa não é dela e que isso não é o fim do mundo, mas uma nova oportunidade dela se conhecer melhor. Nenhuma pessoa é igual a outra e cada um tem o seu devido tempo.”

Para a psicóloga Érika Silva, um jovem recém saído do Ensino Médio, não possui maturidade suficiente para escolher o que quer ser da vida, e que a cobrança da sociedade para que um jovem decida o mais rápido possível sua função no mundo, acabe propiciando uma escolha inadequada a sua personalidade. Além do fato de

que os pais e familiares, ao palpitem nessa decisão, como dito nos dois casos anteriormente, possam estar contribuindo para uma vida infeliz.

“Podemos pensar em um conceito muito utilizado pela psicologia a “ projeção “ que é a transferência de aspectos meu que idealizo no outro, ou seja, os pais desejam que os filhos façam o que eles não conseguiram. Em relação a se fazer o que “Dá dinheiro “ para muitos pais, uma boa remuneração é o que traz felicidade e antigamente não se lutava muito por fazer o que gosta e sim o que é mais rentável. Estamos em uma geração que é preciso “ter” e não “ser”.”

Maiara Alcântara, 22 anos, estudante de Administração na Anhembi Morumbi, ao contrário de Kimberly e Cláudio, teve total apoio dos pais ao decidir mudar do também curso de Jornalismo. A escolha, vinda através

do gosto pela escrita, e o atrativo pela instituição, a Anhembi Morumbi, por ser um lugar bom e que cabia dentro do seu orçamento, parecia o caminho certo para seu futuro.

“Percebi que não me sentia apegada ao curso como meus colegas, e que criei um péssimo hábito em contar os minutos faltantes para o final do dia na faculdade, o que me fez entender que não era algo que eu iria seguir com força de vontade.”

E assim, tendo como opinião contrária apenas a do namorado, que de início levou um susto ao saber que sua namorada não queria mais continuar na graduação, Maiara largou a carreira e preferiu dar um tempo a si mesmo, e seguir na área musical durante um ano, realizando aulas de piano, violão, canto e teoria musical – seu pai é dono de uma loja de instrumentos musicais, e a música sempre prevaleceu em sua vivência durante todo decorrer da vida. Aliás, esse tempo, segundo ela, foi primordial para seu amadurecimento.

Decidiu seguir algo que aos 18 anos não imaginava seguir: Administração. “ Sempre me dei melhor com a área de humanidades e comunicação, e findei escolhendo um dos cursos mais amplos que existem: Administração. Acredito que tenha dado certo até então por conta da minha experiência profissional – trabalho diretamente com liderança e comportamento

empresarial, então vejo tudo o que estudo no meu dia a dia. Desta maneira, sinto muito gás em entender o ambiente em que já vivo.” Por enquanto faço a distância, na mesma universidade, preferindo seguir um passo de cada vez, e aprendendo e não tendo medo de errar, que esses tipo de decisão não pode ser tomada sob pressão.

Thaynara Pissaia, 22 anos, estudante de Jornalismo na também Anhembi Morumbi, sempre teve como propósito a USP (Universidade de São Paulo), encantada com o status e o reconhecimento que o local tinha na área jornalística. Tentou, não passou. Tentou novamente, agora carregando a bagagem de ter feito um ano de cursinho preparatório. Não passou novamente. Sua mãe lhe disse que não a apoiaria novamente. Isso foi sua revolta.

Thaynara então optou por entrar na FMU, através da bolsa governamental estudantil ProUni, na área de Letras, com o objetivo de terminá-lo em 3 anos, e com mais 2 de Jornalismo, com 5 anos de formação teria a bagagem de duas graduações. Entretanto, no primeiro dia de aula, passou por três unidades da instituição, até descobrir aonde iria estudar – Liberdade, Vila Mariana e Vergueiro – e estando no campus certo, sua matrícula estava computada errada – ao invés de Tradução e Intérprete sua vaga foi para Licenciatura. Sim, o

mundo estava conspirando contra sua escolha.

Conseguiu ajustar esse problema, porém o desânimo com a instituição não ajudou em nada a continuar seguindo esse caminho. “As aulas começaram e eu percebia a todo instante o despreparo, a baixa qualidade, falta de didática e falta de respeito por parte de alguns professores, além do cronograma ser apertado, fazendo muitos assuntos importantes ou que necessitavam maior atenção e dedicação serem dados de forma superficial.”

O desespero e o choro contínuo no caminho da volta para casa a fizeram repensar sobre a escolha que tinha feito, e logo após uma viagem com a prima, voltou decidida a trancar o curso de Letras. Enquanto a maioria dos seus amigos sequer tinha conhecimento que estava fazendo faculdade. “Eu tinha vergonha de falar a faculdade em que estava estudando e também vergonha de falar sobre o curso, pois todos a minha volta sabiam do meu sonho de fazer jornalismo desde cedo.”

Thaynara então decidiu começar a trabalhar, como forma de refletir e amadurecer mais suas idéias sobre como iria seguir sua vida. Percebeu que a tão sonhada universidade pública, só estava sendo um impasse em sua vida, por estar perdendo tempo e oportunidades, em tentar

ingressa na área que sempre amou: o Jornalismo. Optou por tentar uma bolsa e conseguiu. E assim segue satisfeita com o novo caminho que traçou para si mesma.

“Eu descobri que eu tinha uma obsessão louca pela USP somente pelo status, pois qualidade de ensino ela, de fato, não tem mais tanto assim. Eu queria a USP porque era a mais difícil, a com mais reconhecimento, a que mais era símbolo de vitória. E descobri que aqui-lo só me atrapalhava, pois eu já havia deixado passar inúmeras oportunidades excelentes só por ter essa loucura em entrar na USP.”

“Primeiro, ele (estudante) deve aceitar que escolheu a profissão errada, então, pensar na possibilidade de mudar de curso.”

Leonardo Oliveira, 22 anos, estudante do curso de Marketing no Senac, sempre considerou que a área de Tecnologia da Informação (T.I.) como ideal para sua vida, devido seu interesse em softwares e programação de computadores. Ao optar em fazer esse curso na Universidade Paulista

(UNIP), recorreu a algo com preço acessível e que fosse próximo ao seu local de trabalho – atualmente, em Alphaville, São Paulo.

Porém, as ausências de professores e de explicações sobre os métodos de avaliações utilizados pela universidade o incomodaram, colocando em questão a possibilidade de mudar de ramo e instituição. Então, com o apoio de sua família, decidiu sair e tentar um novo caminho, colocando como meta seus interesses e facilidades. Atualmente, está satisfeito com sua escolha, e a partir de suas experiências, tem por opinião ir atrás daquilo que acredita.

“Diria para não ir no embalo dos outros, como escutar algumas opiniões. Mas é claro, entender que tem pessoas que falam conosco para nosso bem, por já passarem por uma situação parecida e ter uma certa experiência. Nessa caminhada que estou, aprendi várias coisas, e isso, é algo que ninguém pode tirar de você, nem você mesmo, e se

der medo na caminhada, vá com medo mesmo.”

Com esses relatos, fica claro em como parar para refletir sobre o que a gente realmente gosta, independente de cargo ou salário. Para a psicóloga Érika, “primeiro, ele (estudante) deve aceitar que escolheu a profissão errada, então, pensar nas possibilidades de mudar de curso, ou trancar o curso, caso ele ainda não saiba qual a profissão correta. É importante também, consultar um profissional em vocação profissional.”

Consultar um profissional, além de realizar uma visita na faculdade para qual tem interesse em ingressar, como forma de conhecer a estrutura do local, também são válidos para uma escolha certa da graduação. Então, aproveitando esse embalo de descobertas, faça o teste vocacional a seguir, e descubra as possibilidades de profissão que você caro leitor, possa se interessar.



A estudante Kimberly e um dos seus três gatos, Timótheo. Foto: Victória Ribeiro

1) Quando penso numa profissão, o mais importante para mim é:

- a) Obter um bom retorno financeiro e ser bem sucedido.
- b) Trabalhar em algo que esteja em evidência no mercado.
- c) Fazer algo que gosto, independente do retorno financeiro.
- d) Ser muito bem sucedido financeiramente.
- e) Poder atuar em minha comunidade.

2) Das viagens abaixo, qual seria considerada por você como a viagem perfeita?

- a) Conhecer os castelos antigos da Europa e visitar os museus.
- b) Surf e aventuras radicais na Austrália.
- c) Compras e conforto, viajando pelos Estados Unidos.
- d) Conhecer as particularidades da cultura asiática no Japão.
- e) Descansar com a família em uma ilha paradisíaca.

3) A pessoa da sua família que você mais admira:

- a) Estudou bastante e possui uma posição de destaque no mercado de trabalho.
- b) É aventureira e viaja bastante.
- c) Curte a vida e está sempre descobrindo coisas novas.
- d) É bastante criativa e está sempre com novidades.
- e) Se dedica a algum trabalho de ajuda ao próximo.

4) Se eu tivesse que montar uma empresa hoje, esta empresa seria:

- a) Uma empresa baseada em algo de meu interesse pessoal como um passatempo ou atividade que pratico.
- b) Uma empresa direcionada as tendências atuais do mercado independentemente da área de atividade.
- c) Uma empresa familiar onde eu pudesse trabalhar perto de meus amigos e familiares.
- d) Uma empresa tradicional, com produtos ou serviços conservadores e de fácil comercialização.
- e) Uma empresa criativa onde eu pudesse arriscar e desenvolver novas ideias.

5) Qual país abaixo você desejaria conhecer?

- a) Egito.
- b) Israel.
- c) Nova Zelândia.
- d) Tailândia.

TESTE VOCACIONAL

e) África do Sul.

6) Qual dos esportes abaixo você mais se identifica?

- a) Futebol.
- b) Lutas.
- c) Natação.
- d) Tênis.
- e) Não gosto de esportes.

7) Em um ambiente onde você não conhece ninguém, você costuma:

- a) Ficar em um lugar isolado.
- b) Conversar com alguém que possa lhe introduzir a um grupo.
- c) Curtir sozinho.
- d) Se socializar e conquistar amigos.
- e) Se sentir incomodado por estar sozinho e vai embora.

8) Em quais destes ambientes você se sente mais a vontade?

- a) Em um hospital.
- b) Em centros esportivos.
- c) Em uma floresta.
- d) Em shoppings.
- e) Em lugares isolados.

9) Dentre estas personalidades, a que mais admiro é:

- a) Bill Gates.
- b) Steve Jobs.
- c) Ronaldo.
- d) Angelina Jolie.
- e) Madre Tereza.

10) Estou fazendo este teste vocacional pois:

- a) Não tenho ideia de qual profissão escolher.
- b) Estou na dúvida entre duas profissões.
- c) Estou na dúvida entre 3 profissões ou mais.
- d) Sei qual profissão me interessa, mas não tenho certeza.
- e) Estou certo de qual profissão eu quero, apenas pretendo conferir.

11) Procuo fazer amigos que:

- a) Possuem status e são influentes.
- b) Possuem os mesmos interesses que eu.
- c) Compartilham das mesmas ideias.
- d) São bastante diferentes de mim.
- e) Não me preocupo com características quando procuro uma amizade.

12) Na escola eu geralmente me destacava por:

- a) Ser um aluno dedicado e tirar notas boas.
- b) Ser atencioso e ajudar meus colegas.
- c) Ser bastante dedicado aos esportes.
- d) Não prestar atenção nas aulas e ser repreendido.
- e) Ser engraçado e contar piadas.

13) Se eu ganhasse na loteria eu:

- a) Guardaria parte do dinheiro e investiria em um negócio.
- b) Dividiria meu dinheiro entre diversas opções de investimento.
- c) Guardaria o dinheiro e me dedicaria a atividades que me interessam.
- d) Usaria o dinheiro para uma causa nobre.
- e) Aposentaria e viveria viajando.

Resposta do Teste Vocacional

- A. Você valoriza o sucesso profissional.
- B. Você valoriza a ascensão social.
- C. Você valoriza a segurança.
- D. Você valoriza a qualidade de vida.
- E. Você valoriza a solidariedade.



Inspiração e empoderamento LGBT

Mulher transexual, fotógrafa, produtora e presidente da Associação de Pessoas Portadoras de Deficiência de Passos são algumas das diversas funções de Leandrinha Du Art. A mineira, de 23 anos, é referência de empoderamento, ativismo e resistência LGBTQ+.

QMais – Você acredita que ser LGBT e ter alguma deficiência torna tudo mais complicado? Existe preconceito dentro do preconceito?

Leandrinha: Eu acredito que ser LGBT já é complicado... Ser portadora de necessidades especiais já é complicado... Os dois juntos é o pacote da desgraça completo. São lutas diferentes, mas não deixa de ser. É mais um enfrentamento para as pessoas porque choca mais.

Existe muito muito preconceito dentro do preconceito. Eu acho que na classe LGBT (o preconceito) é muito mais. Nem é por

conta da deficiência física, mas por conta de alguns pensamentos que você passa a ter, por conta de ser trans e não se importar de se intitular travesti... Por que eu sou mulher transexual e a menina da esquina é travesti? Só porque a gente não teve as mesmas oportunidades? Só porque eu to tendo um destaque maior? Então, quando eu me intitulo travesti é para representar essas meninas, que na maioria das vezes não teve a oportunidade que eu tive para chegar aonde eu cheguei.

QMais – Como você se descobriu uma

mulher transexual?

Leandrinha: É um passo a passo... Primeiro eu me assumi gay, depois eu me descobri trans. Como eu me descobri? Eu acho que não me identificando com o meu próprio corpo e por não ter ponto de referência ou contato com o mundo LGBT, ficou bem mais difícil para saber o que eu era. Então, eu não sabia o que eu era... Eu era um menino que não me identificava com o meu corpo e que, mesmo assim, ainda tentava entender aquele corpo para ver se tinha alguma coisa errada.

Demorou... Eu me assumi com 17 anos. Hoje, eu vejo o jovem se assumindo bem cedo e me dá uma alegria imensa porque eu acho que quanto mais cedo, melhor. O impacto vai ser gerado do mesmo jeito... Eu entendo que a maioria demora em se assumir para a família com medo de violência, da qual eu não sou apta a falar porque eu nunca sofri, mas mesmo assim eu falo por essas pessoas também. O tempo necessário para se assumir é o tempo que você levar para se entender... Se tiver que levar 20, 30 anos, leve, mas não fica a vida inteira tentando viver igual as outras pessoas.

QMais – Quando começou a militar? Sentiu alguma dificuldade?

Leandrinha: Eu comecei a militar quando eu nasci, porque eu já nasci uma pessoa portadora de necessidades especiais, então eu tive que sobreviver para me destacar. A não ser que eu quisesse ficar dentro de um quarto, isolada, longe de tudo e de todos.

Depois de eu conquisto o meu lugar no sol, eu falo: “Vamos comigo?” e eu acho que é pra isso que eu sirvo. A minha militância é essa... Arrastar essas pessoas, mulheres que têm a autoestima baixíssima, os portadores de necessidades especiais que ainda estão dentro de casa com vergonha de seus corpos, os LGBT que perderam o senso político da gravidade do momento em que estamos vivendo. Eu falo: “Vamos acordar?”. Acho que nunca tive dificuldade para militar porque já nasci

assim, né? Claro, é muito difícil, mas nunca tive um momento onde eu pensei em parar de fazer as coisas que eu faço, justamente por eu ser obrigada desde pequena a lutar pelo que acredito.

QMais – Você se sente representada pelos movimentos sociais LGBT?

Leandrinha: Nessa hora, LGBTs me crucificam e me matam, mas eu me sinto muito representada por alguns (movimentos) e outros não. Porque eu acho que se perdeu o fio da meada política, sabe? Perdeu-se o motivo de estarmos fazendo isso... Por que da Parada LGBT? Perdeu-se isso. O que é uma pena, porque se você perguntas para as pessoas que vão à Parada qual é o tema deste ano, a maior parte não vai saber responder. Elas vão muito mais por uma boate a céu aberto do que pela causa em si. Claro que eu apoio a Parada, porque a visibilidade é um passo dado... Porque, se você está na rua, mesmo não sabendo direito a importância disso, alguém está te vendo.

QMais – Qual a maior importância do seu trabalho?

Leandrinha: Conscientizar as pessoas de que elas são capazes, que elas têm que ser empoderadas e que, de alguma forma, estão sendo preconceituosas consigo mesmas.

Desconstruir para construir tudo de novo é o que eu faço, sabe? Quando uma pessoa me olha, eu acho que ela para pra pensar e enxerga uma referência... e eu

sinto muito orgulho de ser referência... Quando eu pessoa me elogia, eu não fico falando: “Ai, imagina...”... EU SOU MESMO! Eu trabalhei para isso, eu sou boa no que eu faço, eu acredito no meu potencial, eu sou referência e meu trabalho é esse: levar as pessoas comigo.

QMais– Hoje, você serve de exemplo para muitas pessoas que compartilham das mesmas dificuldades. E você? Teve (ou tem) alguém como referência de superação?

Leandrinha: Eu tenho milhares de referências, tanto comunicadores como pessoas do meio LGBT. Eu sou comunicadora também, então eu acho que é importante se nos inspirar outros, mas sem perder sua própria identidade. SEMPRE manter a sua própria essência.

QMais – Qual conselho você daria para quem é LGBT, tem necessidade especial e se sente sozinho (a)?

Leandrinha: Se conheça! Permita-se dar seu espaço, mas se conheça em primeiro lugar... O que mais pesou para mim foi não me conhecer, então eu acredito que esse seja o primeiro passo para construir uma vida legal.

O amor em tempos de Internet

Desde a popularização de aplicativos de namoro no Brasil, centenas de casais já encontraram a sua metade da laranja pela Internet. Do Facebook ao Tinder, a geração dos millenials dá prioridade ao ambiente virtual até na hora de encontrar um amor

Marina Gomieiro

Amor líquido. É assim que Zygmunt Bauman define os relacionamentos nascidos no ambiente virtual. Frágeis, flexíveis e inseguros são algumas características que o autor usa para definir a forma com que as relações pessoais nascem (e morrem) tão rapidamente nos dias de hoje. Com o boom dos aplicativos de relacionamentos no Brasil – Tinder, Happn, Badoo, Scruff, para citar alguns deles – a Internet se tornou o melhor método para que jovens encontrassem

alguém para conversar, sair e até, quem sabe, namorar. Entretanto, a facilidade de conseguir um encontro tornou a maior parte das relações menos duradouras e muitas vezes, descartáveis.

Mas, até para a regra de Bauman, há exceções. E exceções que tiveram suas vidas mudadas devido ao envolvimento com pessoas que conheceram pela tela do celular. É o que disse o publicitário Vinícius Barbosa, de 27 anos.

“HÁ OUTRA PREOCUPAÇÃO DE QUE FANTASIA SE MISTURE COM REALIDADE; DE QUE O VIRTUAL SE DESTAQUE E TOME CONTA DE EXPECTATIVAS E FRUSTRAÇÕES REAIS”

Em 2014, aos 24 anos, o jovem nunca havia namorado. Além disso, tinha mais um detalhe: ele ainda não tinha assumido a sua sexualidade para os seus pais. Até que decidiu fazer o download do Scruff, um aplicativo voltado exclusivamente para o público homossexual. Ele não procurava nada sério e não acreditava que pudesse encontrar qualquer outra coisa além dos famosos encontros casuais. “Usei o aplicativo por aproximadamente dois meses.

Imaginava que as pessoas estavam interessadas só em se satisfazerem sexualmente, sem a intenção de qualquer envolvimento.” Até que a foto de José Rodrigues, também com 24 anos na época, chamou-lhe a atenção.



“Relacionamentos
acompanham o
ritmo dos avanços
tecnológicos”

Mayara Barbosa • Psicanalista



José Rodrigues e Vinícius Barbosa celebram a união que surgiu através da Internet

Foto: Marina Gomieiro

José e Vinícius marcaram o primeiro encontro no Bar Vermont, em frente à Praça da República, na capital paulista. Um mês após o primeiro encontro, os dois já estavam apaixonados. “No início do nosso relacionamento eu estava um pouco relutante, por ainda não ser assumido para os meus pais e nunca ter me relacionado com ninguém antes. Mas me permiti ir vencendo esse medo aos poucos.”

José também tinha o mesmo pensamento que o atual namorado: “Nunca achei que fosse possível, mas começamos a nos encontrar com frequência e acabamos nos apaixonando.”

Agora era hora de o publicitário ter a conversa que mais temia em sua vida: contar aos seus pais sobre sua orientação sexual. “Quando comecei a ficar com o José, eu passava quase todo o meu final de semana na casa dele. Inventava algumas desculpas pros meus pais, mas um dia esqueci de avisá-los onde estava e quando cheguei em casa minha mãe me questionou.” Foi então, que finalmente Vinícius revelou o

segredo que estava entalado em sua garganta há tanto tempo. E para a sua alegria, a reação dos seus pais não poderia ter sido melhor. “Conversamos por um tempo e ele me disse que desejava o meu bem e felicidade.” Hoje, José e Vinícius completam quatro anos de união estável e dividem um apartamento na Zona Oeste de São Paulo.

Embora o sociólogo polonês tenha afirmado que as relações “tecidas em ‘redes’ podem ser desmanchadas com facilidade”, existem muitos outros exemplos que foram de encontro às regras.

A febre do Tinder

Desde que foi lançado no território brasileiro em 2012, o Tinder se tornou sucesso entre os solteiros. Segundo dados do aplicativo, mais de 7 milhões de combinações foram feitas durante esses seis anos. “Você curtiram um ao outro!” é a mensagem que homens e mulheres mais desejam ver na telinha de seus dispositivos móveis.

Mas qual o motivo de tamanho sucesso dessas ferramentas? Para a psicanalista Mayara Barbosa, a Internet foi uma forma das pessoas mostrarem apenas aquilo que querem ou agir como de fato gostariam de ser. “Além disso, há outra preocupação de que fantasia se misture com realidade, de que o virtual se destaque e tome conta de expectativas e/ou frustrações reais.”

Apesar do risco da frustração com relações volúveis, a coordenadora

de marketing Caroline Nascimento, 25 anos, decidiu se arriscar na aplicativo quando ele ainda não era tão conhecido. “Sem ser hipócrita, [um dos motivos] foi uma pontinha de carência. Tentar uma forma de conhecer pessoas novas.”

“É uma das formas de se anular a falta. Em uma tentativa de evitarem-se maiores frustrações, buscam-se relacionamentos mais rasos”, explica Mayara.

Pelos mesmos motivos, o engenheiro Kauan Torci, também com 25 anos, entrou para o time dos usuários do Tinder. E por sorte do destino, ele e Carol formaram o par ideal. “Foi tudo tão leve, não me seguramos em momento algum, entramos desarmados de experiências anteriores e entregamos tudo o que tínhamos naquela noite.”

Apesar das experiências anteriores, que sempre acabavam depois de um “oi, tudo bem?” ou após o primeiro encontro, Caroline sempre acreditou que poderia encontrar alguém interessante no app. “Eu nunca tive essa visão de que o Tinder era uma coisa só casual”.

Em março de 2018, o casal completou dois anos de relacionamento. Caroline e Kauan já viajaram juntos para a Europa e selaram o relacionamento com tatuagens iguais – do Simba, personagem do Rei Leão e também por ser o nome do gato de estimação dos dois.



Kauan e Carol combinaram tatuagens como forma de imortalizar o amor.

Foto: Reprodução/Facebook



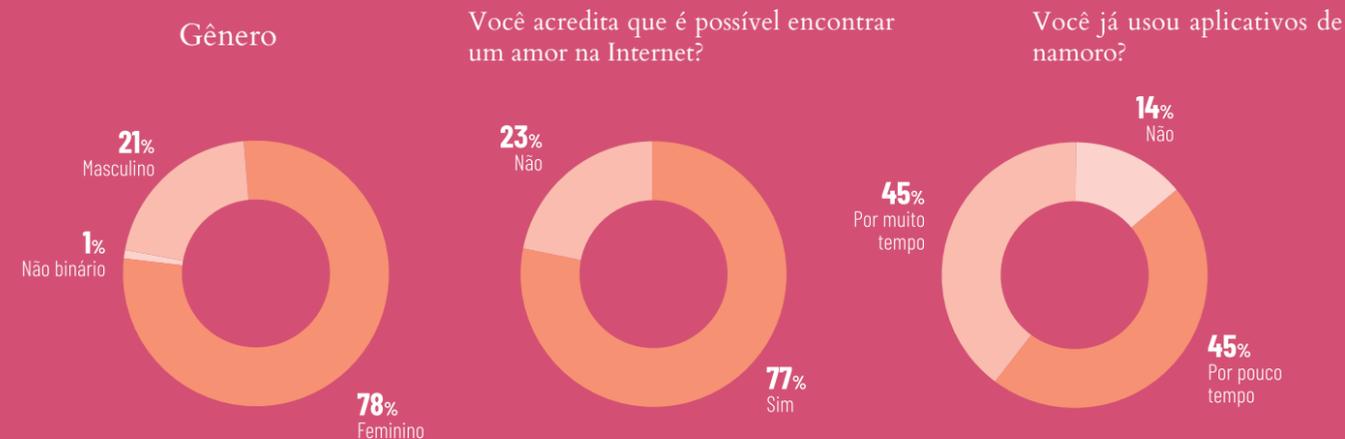
Lucas Lima e Samuel Rodrigues esbanjam amor na capital paulista.

Foto: Marina Gomieiro

O estudante de Medicina Veterinária Samuel Rodrigues, e o graduando de Relações Públicas Lucas Lima, ambos com 21 anos, também vivem uma história de amor iniciada no aplicativo. “Sempre achei que esse aplicativo era lotado de futilidades e que as pessoas nunca queriam algo sério além de sexo”, era o pensamento de Samuel. Por sorte, o cúpido lançou a flecha no coração dos pombinhos, que começaram a namorar no começo deste ano. “Ficamos vendo o pôr-do-sol deitados abraçados na grama do parque, [...] Depois disso, os motivos pelos quais me levaram a amá-lo só foram crescendo”, diz.

“Foi então que depois de um passar um dia maravilhoso com ele, no parque, percebi que sim, eu estava apaixonado por ele e queria e precisava mantê-lo por perto. Era a pessoa certa para a minha vida”, completa Lucas.

A Q+ realizou uma pesquisa com 360 jovens com idades de 18 a 30 anos da grande São Paulo que já utilizaram a Internet como forma de encontrar um relacionamento.



• 31,7% parou de usar aplicativos por não encontrar ninguém interessante

• 13,7% desistiu por ter ido a muitos encontros ruins combinados nos apps



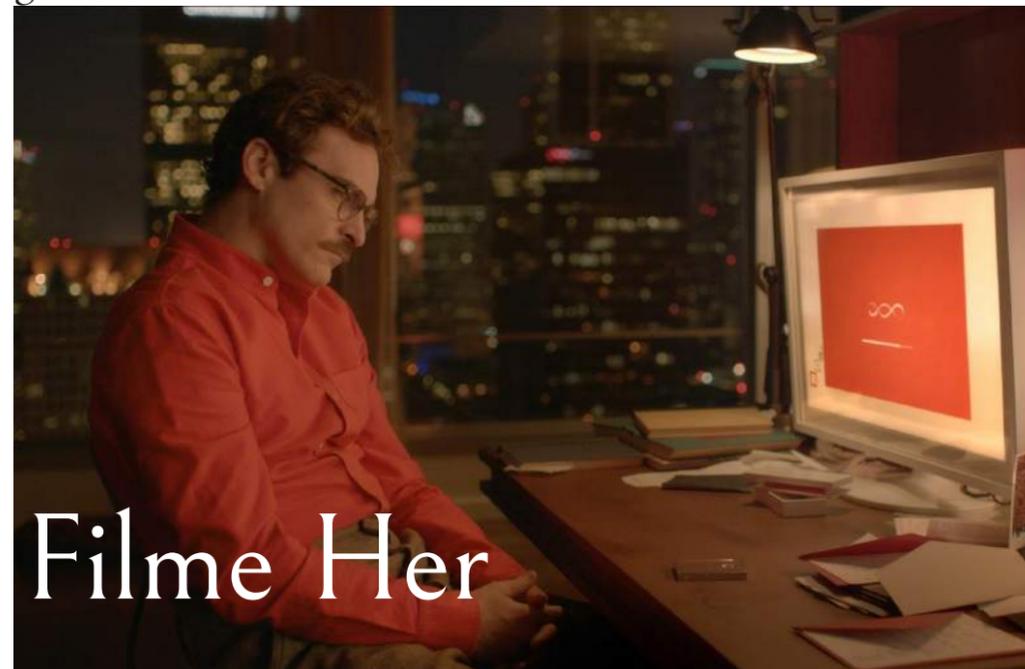
Labirintos Sonoros

Nia passava em frente à uma das saídas da estação Trianon-Masp às 17h47 de uma quinta-feira e parou o seu caminhar para ouvir um som que certamente não esperava ouvir em seu percurso de volta para o lar temporário que a recebeu na zona oeste da capital. O ar de balada logo contagiou quem estava ao redor de Nia, mas o que impressionou a holandesa não foi a performance a céu aberto no coração da metrópole, e sim como dezenas de pedaços de cano pvc poderiam fazer arranjos sonoros tão familiares à uma mesa de som de um dj de uma balada qualquer.

A holandesa olhou para Fernando como se não aguentasse de ansiedade e não pudesse esperar o espetáculo acabar para saber dele, naquele exato momento, como o artista conseguiu fazer música de materiais usados na construção civil. Fernando trabalha até às 17h em um hostel na Bela Vista, onde mora por enquanto, até botar o pé na estrada novamente. Ele é argentino de nascença, mas se diz do mundo. O músico resolveu percorrer alguns países da América do Sul mostrando o seu fantástico meio de trabalho nas ruas e tem paciência para explicar para todas as pessoas curiosas como ele fez o seu instrumento de trabalho. Com solas de chinelo e dois pedaços de madeira, ele construiu as suas baquetas que ao encostarem nas saídas dos canos de pvc, que juntos mais parecem um labirinto, formam notas musicais. A engenhoca sonora não foi inventada por ele, conta Fernando, que diz ter visto na internet um vídeo de um rapaz que fazia a mesma coisa na Europa.

O público paulistano talvez não conheça muitos músicos que trazem esse tipo de arte para às ruas. Isso provoca a multidão a ficar e escutar aquele som enigmático. Na pausa da performance, Nia pede o contato de Fernando, e então uma garota surge em frente ao instrumento querendo que o músico toque um pouco para ela. Fernando gentilmente toca e a garota abre a boca com ar de espanto como se quisesse fazer as mesmas perguntas que Nia queria fazer quando chegou lá. A arte de rua parece ter os seus ciclos e repetições em meio às pausas e preparativos para o espetáculo. O local do show e o público podem variar, mas a essência da arte parece não abandonar o artista, que vê naquele momento de atuação a forma mais pura e bonita de revelar a sua identidade para a plateia.

Felipe Maciel



Filme Her e o Entorpecimento da dor

Filme bom é aquele que fica dando “replay” na mente mesmo depois de dias e que principalmente nos faz refletir sobre questões importantes da vida.

Ela (Her) é um destes casos. Numa mistura de ficção científica e romance nada convencional, Theodore enfrenta o difícil término de um casamento, e em meio a toda a sua confusão interior começa a se relacionar com Samantha, um sistema operacional altamente tecnológico que corresponde às emoções humanas; sua programação permite se adequar aos gostos, características e até a interpretar as emoções de seu usuário.

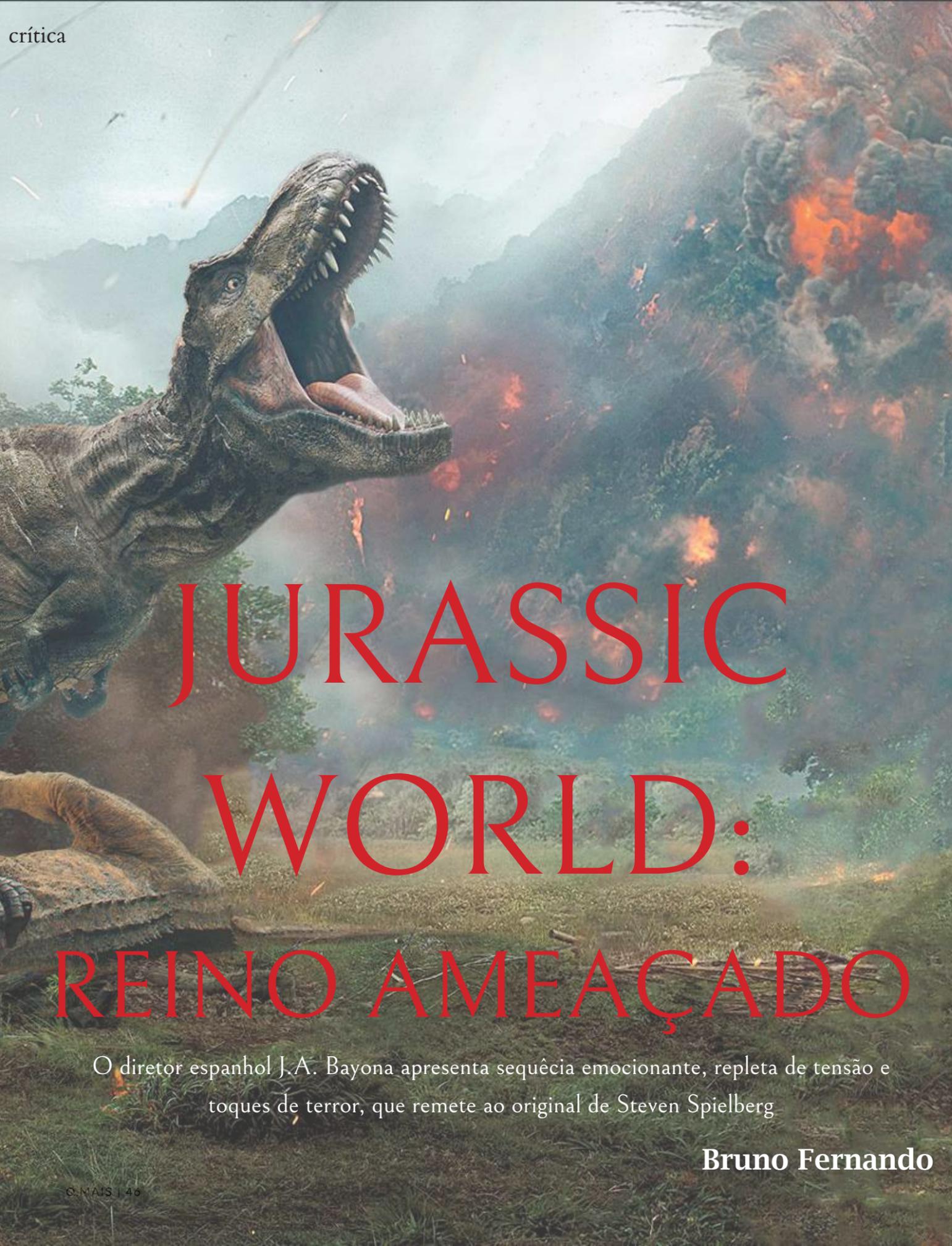
Apesar de o filme se passar no futuro, o que mais chama a atenção é a forma de enfrentamento de nosso protagonista, que se remete a algo muito atual: a necessidade de que tudo seja prático, rápido e indolor, até mesmo o sofrimento humano. Theodore preenche o vazio da solidão com uma solução ilusória: utiliza-se de uma ferramenta virtual que se molda às suas necessidades; porém isto o impede de lidar com os problemas, de fato. Se fôssemos nos basear em Freud, Theodore estaria experimentando a ilusão para evitar o desprazer, porém isto estaria o impossibilitando de lidar com a realidade que o cerca.

Por um bom tempo esta solução é extremamente real para Theodore, pois estaríamos falando de sua própria percepção, portanto, somente quando Samantha o deixa, ele começa a entrar em contato com a realidade e a construir uma forma de enfrentamento mais consciente: se desculpa com a ex-esposa; reconhece seus erros e se ampara à melhor amiga, que até então era a pessoa mais próxima e que provavelmente ele não tivesse tanta noção disto.

Her é um filme sensível que toca em questões tão presentes e nos faz refletir que todo ser humano é repleto de desejos, sentimentos e potencialidades, assim como os companheiros que encontramos no decorrer da vida, entretanto, não há um botão de liga/desliga para os problemas, tampouco uma solução prática para lidar com os conflitos, por isso cada um constrói seus caminhos de acordo com sua própria experiência para então poder ir ao encontro da melhor forma de lidar com as situações, ou seja, a capacidade de se autoconhecer e ampliar a consciência.

Talvez o “clímax” disso tudo seja que na vida real não há roteiro a seguir, nem elenco a escolher, apenas a improvisação que consiste em aproveitar os momentos bons e crescer com os que não são tão bons assim.

Mayara Barbosa, Psicanalista



JURASSIC

WORLD:

REINO AMEAÇADO

O diretor espanhol J.A. Bayona apresenta sequência emocionante, repleta de tensão e toques de terror, que remete ao original de Steven Spielberg

Bruno Fernando

A zona de conforto de Jurassic Park tem nome: Isla Nublar e Isla Sorna. Para a franquia avançar, foi necessário sacrificar estes lugares familiares. Os roteiristas Colin Trevorrow e Derek Conolly entregam Jurassic World: Reino Ameaçado como o filme mais diferente da série até agora. A progressão até o ponto em que a história se encontra agora não soa forçada, e sim, fluída e natural. Eles inovaram e arriscaram com ideias que poderão levar a franquia a um novo patamar.

Dirigido pelo espanhol J.A. Bayona, o filme já inicia em grande estilo com uma das melhores cenas de abertura entre os quatro anteriores. Logo nos primeiros cinco minutos, é possível notar que estamos diante de uma criatura diferente: enquanto o filme anterior, Jurassic World (2015, dirigido por Trevorrow), focou nas maravilhas e deslumbres dos dinossauros, emulando o sentimento das primeiras aparições dos animais no clássico de Steven Spielberg, Reino Ameaçado foca na segunda parte de Jurassic Park, cheio de tensão e suspense. Há momentos assustadores e que você fica com frio na barriga, apreensivo em relação ao que pode acontecer.

Na história, a Isla Nublar está sendo ameaçada por um vulcão prestes a entrar em erupção, o que coloca toda a vida na ilha em risco – somos apresentados a este contexto de forma muito didática, que deve agradar aos fãs que pedem uma cena similar a esta há anos.

Claire Dearing (Bryce Dallas Howard), ex-gerente de operações do parque temático Jurassic World, sente uma parcela de culpa pelos eventos trágicos que acarretaram no fechamento e abandono do parque, há três anos. Deste sentimento, nasce o Grupo de Proteção do Dinossauro, que busca financiamento e apoio popular para convencer o governo americano a salvar os animais deste evento cataclísmico. Trabalhando ao seu lado estão Zia Rodriguez (Daniella Pineda), uma veterinária de dinossauros, e Franklin

Webb (Justice Smith), técnico em computação.

Ela recebe uma ligação de Eli Mills (Rafe Spall), que gerencia a fortuna de Benjamin Lockwood (James Cromwell), um ex-parceiro de John Hammond, fundador e idealizador do Jurassic Park original. Mills revela que Lockwood planeja resgatar os dinossauros e juntos organizam uma expedição à ilha para resgatar os animais. Claire pede ajuda a Owen Grady (Chris Pratt), que se isolou no norte do país desde que o fim do relacionamento dos dois. Para convencê-lo, ela usa a velociraptor Blue, que foi criada desde filhote por Owen e que corre risco de vida se continuar na ilha.

O grupo chega então à Isla Nublar e descobre que Mills talvez tenha outros planos para os dinossauros. No fim das contas, os personagens acabam indo parar na propriedade de Lockwood, em que grande parte da ação ocorre e onde se encontra o novo híbrido, Indoraptor – com DNA da Indominus Rex e de velociraptor.

A primeira parte do filme tem um ritmo acelerado, mas apresenta bem os novos personagens. Eli Mills é carismático, mas um tanto descompassado, e sua personagem se mostra um dos vilões mais perversos da série. Benjamin Lockwood parece genuinamente disposto a fazer a coisa certa e corrigir os erros do passado, além de inspirar empatia por sua aparência frágil, apesar de claramente guardar um segredo sombrio. Sua neta, Maisie (Isabella Sermon, em sua estreia no cinema), é curiosa e esperta. Toby Jones, que interpreta Gunnar Eversoll, é ganancioso e Ken Wheatley (Ted Levine), é charmoso, porém desprezível – um Roland Tembo, de O Mundo Perdido, mas muito menos amável.

Bayona descreveu a segunda parte do filme como “claustrofóbica”. Trazer a ação para um ambiente rotineiro – como Jurassic Park fez na cena da

cozinha – acrescenta uma camada de terror e suspense, é como se estivéssemos em um pesadelo.

O tom deste filme é mais sério que o de Jurassic World. Em vez de simplesmente nos maravilharmos com essas criaturas, nós também as tememos. É como assistir a um documentário sobre leões: você os acha magníficos, mas tem a noção de que são muito perigosos. A inversão das vítimas – agora os humanos são os “vilões” para os dinossauros – também funciona muito bem. O filme depende do seu apego emocional por esses animais.

A relação de Owen e Blue é melhor explorada e torna mais crível todo o comportamento da velociraptor. Bayona descreve Blue como sendo “o coração do filme”, e ela realmente é, pois o roteiro gira em torno dela e de sua importância.

Já o “vilão” Indoraptor é competente, mas não rouba a cena como o “primo” Indominus Rex. Ele funciona como antagonista e estrela algumas das melhores cenas do filme, mas o foco está nos dinossauros “reais”.

Os efeitos visuais estão melhores do que nunca, sejam eles gerados por computador ou animatrônicos. Bayona aposta em planos fechados nos rostos dos dinossauros e não desaponta com a qualidade dos detalhes – há cenas assim com o carnotauro, o stygimoloch, velociraptor, T. rex e até braquiossauro. Aliás, cada dinossauro tem seu momento de destaque e alguns voltam a fazer pequenas aparições durante o filme, o que deve satisfazer os fãs.

O elenco, como sempre na franquia Jurassic Park, é de primeira. Os protagonistas Bryce Dallas Howard e Chris Pratt se entregam e se divertem em seus papéis, enquanto as novas adições como Rafe Spall, James Cromwell e Geraldine Chaplin, que dá vida a Iris, governanta da família Lockwood, dão um show de interpretação nas cenas



mais dramáticas. Isabella Sermon, a criança Maisie, é muito competente e se expressa de maneira sincera em todo o seu tempo de tela.

Grande parte da beleza do filme vem do diretor J.A. Bayona e sua equipe – como o diretor de fotografia Oscar Fauna. O longa traz alguns dos quadros mais belos da franquia, desde a sua abertura em uma Isla Nublar durante uma das maiores tempestades já vistas nos filmes, até as cenas na Mansão Lockwood, com o Indoraptor nos arredores da propriedade. Bayona abusa do visual gótico e do jogo de luz e sombra, quase um chiaroscuro. Destaque também para a própria animação do título do filme, que se diferencia de todas as outras até agora.

A ação está melhor do que nunca. Há mais lutas corporais (entre humanos) e os dinossauros não estão para brincadeira. Os herbívoros se mostram

perigosos e a T.rex, depois de tanto tempo, finalmente come alguém de novo. A erupção vulcânica é impressionante e garante um senso de urgência, já que a “sombra” do vulcão está a espreita em todas as cenas na ilha.

Entre os pontos negativos do filme, está a falta de peso a um certo fato revelado. A revelação, em si, se conecta a outros pontos cruciais da história e é uma aposta interessante, mas faltou um conflito interno nos personagens para ganhar a importância que poderia (e deveria) ter.

O compositor Michael Giacchino reutiliza temas consagrados no filme anterior, mas surpreende por não apresentar o tema principal da franquia em diversos momentos óbvios que outros compositores julgariam obrigatória a presença. A escala épica da trilha-sonora, com coral, funciona em algumas das cenas, mas soa exagerada

em outras. Faltaram temas marcantes, como a famosa “Chasing the Dragons”, de Jurassic World.

Há também cenas que foram criadas exclusivamente para o marketing do filme e serem exibidas em trailers e pôsteres, pois não encaixam tão bem na progressão do filme – os roteiristas poderiam ter achado outras soluções. Contudo, não deixam de serem bonitas de ser ver.

Claire, agora usando botas, não é a líder que poderia ser. Apesar de tomar a dianteira em alguns momentos de ação, ela parece continuar a precisar e ser guiada por Owen. Outra personagem feminina que poderia ter sido apresentada de forma mais convincente é a paleoveterinária Zia, que é uma mulher forte e decidida, mas o roteiro parece querer evidenciar isso por meio de falas prontas, em vez de mostrá-la em ação. Esta personagem e seu

colega de trabalho, Franklin, apesar de divertidos, não tiveram espaço para se desenvolverem por completo. Franklin, que é bastante covarde durante todo o filme, tem seu momento de coragem, mas não passa disso.

O filme se assemelha muito a O Mundo Perdido: Jurassic Park, tanto em trama quanto em contexto, mas é inspirado o suficiente para não soar como um remake e diverge do filme de 1997 por ir até o fim com suas propostas. Se aquela cena do T. rex em San Diego acontecesse neste ponto da série, ela não soaria tão mal como na época.

Bayona faz várias referências a todos os filmes da franquia – exceto, talvez, Jurassic Park III (2001). A cena de apresentação de Claire faz referência a Jurassic World, e mais para frente, temos referências muito claras à Jurassic Park.

O final deixa um grande gancho para a sequência e nos faz imaginar o que virá a seguir.

Reino Ameaçado dá o maior passo da franquia em direção ao futuro desde que a Isla Sorna, o Sítio B, foi revelada em O Mundo Perdido. As consequências da manipulação genética e do poder da clonagem finalmente são sentidas no mundo real, além das ilhas e dos parques. Os debates morais de Michael Crichton, autor do romance original, que reverberaram tão bem em Jurassic Park, estão de volta – a figura do dr. Ian Malcolm (Jeff Goldblum) dá o tom no início, mas o longa retoma as reflexões no penúltimo e último ato.

Diferente o suficiente para não cair na mesmice, mas ainda com as características que tornam a franquia o que ela é, Jurassic World: Reino Ameaçado é a sequência ousada que esperamos desde 1993.

Jurassic World: Reino Ameaçado

Direção: J.A. Bayona

Roteiro: Colin Trevorrow e Derek Conolly

Elenco: Bryce Dallas Howard, Chris Pratt, Rafe Spall, James Cromwell, Justice Smith, Daniella Pineda, Ted Levine, Isabella Sermon, Geraldine Chaplin e Jeff Goldblum

Duração: 128 minutos

Estreia: 21 de junho de 2018



ARCTIC MONKEYS DIVIDE FÃS COM NOVO SOM

O novo álbum da banda intitulado *Tranquility Base Hotel + Cassino* pegou o público de surpresa por sua sonoridade suave e sem grandes hits

Marina Gomieiro

Queridinhos do público indie-rock, o Arctic Monkeys lançou em maio deste ano o sexto álbum de estúdio da banda. O sucessor do AM, disco de maior sucesso do quarteto britânico, que traz as famosas *Do I Wanna Know* e *Why'd Only Call Me When Your High*, surpreendeu os fãs por ter uma sonoridade madura, leve e até um pouco monótona. “Parece um disco solo de Alex Turner”, comentou um fã na página do grupo no Facebook. “Vocês se lembram de quando os Arctic Monkeys usavam guitarras e bateria?” indaga outro admirador da banda. Apesar do estranhamento causado no público, o álbum tem se saído bem nas críticas especializadas. No Metacritic, site que reúne as notas e resenhas feitas por grandes veículos editoriais, o disco fechou com a nota de 7.4. A *Rolling Stone* americana definiu o álbum como “um som estranho de uma Odisseia no espaço”. E é esse o conceito criado por Turner.

Tranquility Base Hotel + Casino possui músicas inspiradas em um ambiente fictício e metafóricas criado pelo vocalista. Esse lugar se trata de uma base na Lua, onde os seres humanos poderiam construir prédios luxuosos, estádios de futebol, e claro, hotéis e cassinos. As faixas deixam de lado o agudo das guitarras e o grave da bateria e abre espaços para letras melancólicas sobre a vida e carreira dos integrantes.

A primeira faixa do álbum, *Star Treatment*, faz alusão ao grande sucesso alcançado pela banda em 2013, com o álbum AM. “Eu sou queria ser um dos Strokes/Olha agora para a bagunça que você me fez fazer” canta Alex. As próximas faixas continuam mostrando o descontentamento com o próprio trabalho, com a fama e a sétima faixa do álbum, *The World's First Ever Monster Truck Front Flip*, traz até críticas políticas e à nossa sociedade.

Em entrevista a BBC de Londres, Turner explica o porquê de a banda não ter lançado nenhum single antes da divulgação oficial do álbum. “É álbum feito para ser ouvido de uma só vez”. O primeiro videoclipe, *Four Out Five*, uma balada que discute a frustração com as avaliações da crítica e a pressão feita pelos fãs, saiu somente dois dias após o disco ser lançado nas plataformas digitais.

Apesar da controvérsia causada em sua fiel fã base, os Monkeys já marcaram a turnê do novo álbum, incluindo shows no festival *Lollapalooza Chicago*. A última vez que a banda esteve no Brasil foi em 2014, durante a turnê de divulgação do álbum que mudaria suas carreiras. Será que veremos Alex Turner e sua tropa tocando seu novo som em solo brasileiro no próximo ano?



A busca por um sonho

Um breve relato sobre um jovem brasileiro

Thaís Oliveira

A maioria dos jovens brasileiros têm tido apenas dois objetivos diante do início da vida adulta: trabalhar para estudar e estudar para trabalhar. Segundo pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2012, 52% dos universitários brasileiros conciliavam trabalho remunerado e estudos.

Outra pesquisa realizada pela Companhia de Estágios (consultoria em RH) revelou que 21% dos entrevistados

gastavam um terço de sua renda com a graduação e para outros 20%, o gasto ultrapassava a metade de seu salário. A mesma pesquisa revelou que apenas 25% dos alunos que estudavam em instituições particulares não precisavam arcar com os gastos, pois esses eram pagos por terceiros.

Diante dessa realidade, a maior preocupação é o lado financeiro. Por isso, muitos estudantes têm optado por uma segunda renda, como forma

de conseguirem uma “grana” extra para pagar os estudos, para investir em momentos de lazer ou até mesmo para realizar um sonho. Foi assim que Arnaldo Fidelis da Silva Junior, um jovem músico paulista, se viu dividido por três em busca dos seus objetivos.

Arnaldo começou a tocar saxofone na igreja aos 7 anos. Ao mesmo tempo em que participava do coral, foi se aperfeiçoando e conhecendo outros instrumentos. Aprendeu a tocar violão,

contrabaixo e ficou tão bom na guitarra que começou a dar aulas ainda na adolescência para ter o próprio dinheiro, mesmo que pouco.

Dois anos mais tarde, precisou trabalhar. Começou como estagiário na área de licitações de uma distribuidora de livros. Esse setor ainda não existia na empresa e foi formado por apenas quatro pessoas: ele, outros dois estagiários e uma coordenadora. Com apenas 3 anos de setor, eles se tornaram 30% do faturamento geral da empresa.

Em 2012, depois de sete anos conciliando a música e o trabalho, Arnaldo percebeu que teria de se esforçar ainda mais para realizar seus sonhos. Buscou seu caminho para o diploma e encontrou. Na sua profissão, os cursos que mais teriam reconhecimento seriam Direito e Administração. Ele precisava pagar o aluguel, então tentou bolsas em várias instituições.



Gravação em estúdio (Foto: Thaís Oliveira)

Aos 12 anos ele já tocava na noite, com várias bandas, mas nem sempre recebia por isso, o quê, de fato, não importava. Chegava a ficar um mês fazendo shows sem cachê. Aos 14, conseguiu trabalhar como roadie (preparador de palco, “faz tudo”) da banda Usina Reggae, famosa por tocar no evento Encontro das Tribos. Em eventos como esse, ele também ajudava outras bandas e recebia como pagamento o jantar ou uns R\$50.



Pausa no trabalho (Foto: Thaís Oliveira)

Através do Prouni e conseguiu começar o curso de Administração na Universidade Anhembi Morumbi.

Continuou sua batalha diária, que agora era tripla. Ele já trabalhava como analista de licitações, numa empresa de máquinas para construção civil ao mesmo tempo que

gravava como cantor, um projeto de reggae. Quando inseriu a faculdade em sua rotina, dormia no máximo 4 horas por noite. Por diversas vezes, ainda acordava mais cedo para ir à academia antes do trabalho.

Em busca de dinheiro para poder manter sua rotina, chegou até a abrir uma empresa de produção musical para fazer dois comerciais (um para a televisão e outro para o rádio) por indicação de uma amiga empresária. Porém, com a chegada da crise no meio fonográfico, não conseguiu outros trabalhos desse tipo. Continuou se dedicando aos projetos musicais, como instrumentista e produtor e ao grupo de samba que ajudou a criar em 2010, Simples Kerer.

Mesmo com as dificuldades na música e um novo emprego, na mesma área (mas que exigia muito mais), conseguiu terminar a faculdade em 2015, após oito longos semestres, devendo apenas as atividades complementares.

Hoje, aos 29 anos, depois de ter se transformado em três homens pra poder ser o homem de seu grande sonho, ele tem consciência de que a luta continua e afirma: “Mesmo que eu não consiga sucesso em nenhuma das duas áreas [música e administração], eu quero ter a consciência tranquila de que eu tentei da melhor forma”.

Q mais
AUTÊNTICA ALTERNATIVA ATUAL